

## O CUIDADO COMO TECNOLOGIA NO ENSINO DE SAÚDE MENTAL

Vanessa Britto Zafra<sup>1</sup>, Luisa Forte Stuchi<sup>2</sup>

**Introdução:** Na formação médica tradicional, o cuidado tende a ser compreendido como decorrência natural do saber técnico, enquanto o vínculo é frequentemente tratado como um atributo espontâneo da personalidade do profissional. No entanto, na saúde mental, o vínculo configura-se como uma tecnologia leve, potente e ética, que demanda aprendizagem intencional, prática reflexiva e sustentação institucional. Em um campo em que a escuta, a presença e a continuidade constituem o próprio cuidado, ensinar vínculo não é um adereço, mas núcleo essencial da formação. Visibilizar essa dimensão como conteúdo pedagógico é, ao mesmo tempo, um desafio ético, político e epistemológico. Ressalta-se a partir desse relato uma experiência docente que assumiu o vínculo como eixo estruturante da formação em saúde mental, mobilizando estratégias ativas e reflexivas para transformar o cuidado em objeto explícito de ensino-aprendizagem. **Método:** Trata-se de um relato de experiência com estudantes de Medicina durante atividades práticas no ambulatório de saúde mental do internato da UNIVAG, ao longo de 2025. A proposta pedagógica estruturou-se em três eixos integrados: Escuta clínica e escrita sensível como dispositivos de acolhimento e elaboração subjetiva; Acompanhamento longitudinal de usuários, permitindo a construção de vínculos terapêuticos ao longo do semestre; Rodas de supervisão reflexiva, com análise compartilhada dos vínculos estabelecidos e de suas implicações clínicas e éticas. A abordagem combinou observação participante, co-consultas supervisionadas e momentos de metarreflexão coletiva, promovendo o deslocamento do cuidado de um lugar tácito para um campo intencional de aprendizagem. **Descrição:** Ao longo da experiência, os estudantes passaram a compreender o vínculo não como resultado automático da prática clínica, mas como uma ferramenta ativa e deliberada de cuidado. Relataram sentir-se mais capacitados para sustentar processos terapêuticos contínuos, lidar com situações de incerteza e responder de forma mais empática a contextos complexos. A convivência prolongada com os usuários favoreceu a responsabilização e a percepção de que cuidar é também estar presente, sustentar e permanecer. A experiência revelou que o ensino do vínculo potencializa a formação ética e subjetiva dos futuros médicos, ao articular técnica e sensibilidade em uma prática integral. **Conclusão:** Ensinar vínculo é formar clínicos capazes de escutar com o corpo inteiro, sustentar processos relacionais e reconhecer o cuidado como encontro e implicação. No ambulatório, esse aprendizado se concretiza na repetição, na presença e na escuta comprometida. Incorporar o vínculo como conteúdo formativo é preparar profissionais que cuidam de pessoas; e, não apenas de diagnósticos.

**Palavras-chave:** Vínculo; Saúde mental; Educação médica; Formação ética; Ensino inovador.

---

<sup>1</sup> Médica Psiquiatra pela Secretaria de Saúde do Estado do Mato Grosso. Preceptora do Centro Universitário de Várzea Grande. E-mail: [vanessa.zafra@univag.edu.br](mailto:vanessa.zafra@univag.edu.br)

<sup>2</sup> Médica Psiquiatra. Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: [luisa.stuchi@univag.edu.br](mailto:luisa.stuchi@univag.edu.br)

### **Referências Bibliográficas**

Merhy EE. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde. In: Merhy EE, Onocko R, organizadores. Agir em saúde: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec; 2002. p. 71–112.

Cecilio LCO. As necessidades de saúde como conceito estruturante na luta pela integralidade e equidade. In: Pinheiro R, Mattos RA, organizadores. Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde. 8. ed. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, CEPESC, ABRASCO; 2011. p. 117–30.

Ayres JRCM. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. Interface (Botucatu). 2004;8(14):73–92.

Campos GWS. A saúde mental e o cuidado como acontecimento: enfrentamentos éticos na formação e na clínica. In: Franco TB, Merhy EE, editores. Trabalho, saúde, subjetividade e cuidado. São Paulo: Hucitec; 2020. p. 161–80.